

## O RACISMO CORDIAL E AUTOIMAGEM: UM ESTUDO SOBRE OS EFEITOS NA ADOLESCÊNCIA DE JOVENS NEGRAS NA BAIXADA FLUMINENSE/RJ

**Ana Carolina Areias da Silva Nicolau**

Aluna do Curso de Psicologia do Centro Universitário  
Augusto Motta (UNISUAM), Rio de Janeiro, RJ, Brasil  
carolareias@yahoo.com.br

**Rita Flores Muller**

Doutora em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal  
do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil  
Professora do Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM), Rio de Janeiro, RJ, Brasil  
ritafloresmuller@gmail.com

### RESUMO

O referente estudo teve por finalidade investigar os efeitos do racismo cordial brasileiro na autoimagem de adolescentes negras frequentadoras de um salão étnico, chamado Espaço Coisa D'Negro, situado na Baixada Fluminense/RJ. O racismo cordial é definido como uma forma de discriminação contra cidadãos não brancos que se caracteriza por uma polidez superficial que reveste atitudes e comportamentos discriminatórios, que se expressam nas relações interpessoais por meio de piadas, ditos populares e brincadeiras de cunho "racial". Para refletir sobre a interferência deste na autoimagem foi levado em consideração o modo como essas adolescentes se sentem em relação a si mesmas, quando olham para si ou como percebem o olhar dos outros sobre elas. A pesquisa de cunho qualitativo utilizou a técnica de grupo focal, com sete participantes de 12 a 18 anos, frequentadoras do referido Espaço. As principais categorias analisadas para discutir os efeitos do racismo cordial na autoimagem de adolescentes negras foram: a autoimagem e o olhar do outro, a insatisfação das adolescentes com a imagem por interferência do racismo cordial, as piadas e brincadeiras racistas nas relações interpessoais, o fortalecimento do racismo cordial e a negação da cor como produtos do racismo cordial, referências negras e a falta de fontes de identificações.

**Palavras-chave:** Racismo. Juventude. Autoimagem.

### THE CORDIAL RACISM AND SELF IMAGE: A STUDY OF THE INTERFERENCE OF TEENAGE BLACK GIRLS

### ABSTRACT

The study aimed to investigate the effects of the Brazilian cordial racism with self-image of black teenage girls who attended an ethnic beauty salon, called Espaço Coisa

D'Negro, located in the Baixada Fluminense, Rio de Janeiro. The cordial racism is defined as a form of discrimination against non-white citizens characterized by a surface politeness lining of discriminatory attitudes and behavior, which are expressed in interpersonal relationships through jokes, popular sayings and jokes of "racial" perspective. To reflect on the interference in this self-image, it took into account how these girls feel when they look at themselves or how they perceive the gaze of others about them. We carried out focus group with seven participants from 12 to 18 years old who attend the beauty salon. The main categories were the self-image and the gaze of the other, dissatisfaction of adolescents with the image for interference cordial racism, the jokes and racist jokes in interpersonal relationships, strengthening the cordial racism and denial of color as the results of racism, and lack of role models.

**Keywords:** Racism. Youth. Self-image.

## **EL RACISMO CORDIAL Y AUTOIMAGEN: UN ESTUDIO SOBRE LOS EFECTOS EN LA ADOLESCÊNCIA DE JÓVENES NEGRAS**

### RESUMEN

El estudio tuvo como objetivo investigar los efectos del racismo brasileño amigable autoimagen de adolescentes que frecuentan negras de un salón con étnica, llamado Espacio Cosa D 'Negro, ubicado en la Baixada Fluminense / RJ. El racismo cordial se define como una forma de discriminación contra los ciudadanos no blancos se caracterizan por una cortesía superficial que recubre las actitudes y conductas discriminatorias, que se expresan en las relaciones interpersonales a través de chistes, dichos populares y chistes mueren "racial". Reflexionar sobre la interferencia de esta autoimagen fue tomada en consideración cómo estos adolescentes se sienten sobre sí mismos, cuando miran a sí mismos o cómo perciben la mirada de los demás sobre ellos. La investigación cualitativa utilizó la técnica de grupo focal, con siete participantes de 12 a 18 años de edad que asisten a dicha zona. Las principales categorías analizadas para discutir los efectos del racismo cordial autoimagen de los adolescentes negros fueron: la propia imagen y la mirada del otro, la insatisfacción de los adolescentes con la imagen de interferencia cordial racismo, las bromas y chistes racistas en las relaciones interpersonales y el fortalecimiento el racismo cordial, negación de color que el productos respetuosos con el racismo, las referencias negras y la falta de identificación de las fuentes.

**Palabras clave:** Racismo. Juventud. Autoimagen.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto de pesquisa de conclusão de curso de Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Augusto Motta. De abordagem qualitativa, a pesquisa teve como objetivo investigar os efeitos do racismo cordial brasileiro (TURRA; VENTURI, 1995) na imagem e estilística de adolescentes<sup>1</sup> negras frequentadoras de um salão especializado em penteados étnicos – o Espaço Coisa D’ Negro, localizado na Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro.

Nossa análise está centrada na questão racial feminina sob a perspectiva das mulheres negras e jovens no Espaço Coisa D’ Negro, tomado como um *locus* de afirmação identitária e de produção de subjetividades. Articulado raça, gênero e classe social, o Espaço Coisa D’ Negro é um centro de referência da cultura negra. Sua proposta principal é a valorização da cultura e da beleza negra por meio da estilização e construção de penteados afro-brasileiros, bem como promoção de atividades culturais e reflexivas. Propomos uma reflexão sobre a autorrepresentação de mulheres jovens no que se refere aos ideais de embranquecimento e beleza branca, ancorados pela raça/ racismo como categoria analítica que desvela o exercício de poder opressivo na constituição de subjetividades femininas negras (ZAMORA, 2012).

Pelo trânsito das mulheres no Espaço analisado, são visibilizadas as violências de um corpo que se constitui no apagamento de seus próprios traços, ao alinhar-se aos ideais brancos e ocidentais de beleza, de mulher, de feminino. Partindo do referencial teórico-metodológico da Psicologia Social crítica e dos estudos sobre negritude, analisamos o Espaço em questão como campo discursivo de pesquisa em Psicologia Social, espaço em que se articulam diferentes vetores de subjetivação, dando a ver e a se ver, como *lôcus* de resistência e linha de fuga na trama racial.

Constituída nos e pelos processos coletivos, institucionais e sociais que atravessam os indivíduos, a subjetividade encontra no Espaço Coisa D’ Negro um *espaço* de escuta das violências cometidas no corpo (maximizadas nos couros cabeludos em prol dos alisamentos) e de vivificação do corpo mortificado pelos efeitos do racismo. No Espaço Coisa D’ Negro, o corpo é analisado como a arena em que as formas de exercício de poder opressivo se desvelam e se mascaram sob os ideais estéticos brancos e suas formas de silenciamento e apagamento da cultura negra. Corpos de

<sup>1</sup> Segundo classificação do Estatuto da Criança e do Adolescente, conforme Art. 2º (BRASIL, 1990).

mulheres jovens e adultas que encontram ali uma forma de se afirmar negra, uma estilística de si, “D’negra”.

## 2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESPAÇO COISA D’ NEGRO: RESISTÊNCIA E AFIRMAÇÃO DAS IDENTIDADES NEGRAS.

*“Quando eu coloquei o cabelo eu fiquei com vergonha, tudo mundo ficou me olhando, mas passou uns três dias, lh... Já era comigo mesmo! Eu passava na rua o pessoal falava, elogiava, perguntava, três pessoas nesse dia perguntaram, aí eu fui lá em casa peguei o número daqui dei pra elas, elas até já vieram fazer o cabelo aqui também, na escola foi a mesma coisa, cheguei todo mundo me olhando, primeiro dia de aula desse ano, tudo porque eu mudei o cabelo, aí todo mundo olhando e cochichando, aí a professora falou: - nossa, está estilosa, mas o pessoal continuava olhando, aí no meio do ano, duas branquinhas com o cabelo assim, aí eu falei: ué, mudou? E agora todo mundo está usando assim lá na escola, parece que eu fui o início de tudo.”*

(Adolescente Lívia<sup>2</sup>, 14, participante do grupo focal).

O Espaço Coisa D’ Negro foi criado em 2008, inicialmente com o único objetivo de comercializar os penteados afro/étnicos. À medida que as clientes foram se familiarizando com o salão até então desconhecido, as questões pertinentes à população negra e mestiça foram igualmente se fortalecendo. Com o surgimento desse Espaço – e principalmente, seu reconhecimento – era então possível serem colocadas em evidência as microviolências advindas do processo de apagamento identitário. O Coisa D’Negro busca por meio das tranças proporcionar um espaço de discussão sobre negritude, identidade, estética e beleza negra, por meio de atividades como, por exemplo, as *Terças Culturais*<sup>3</sup>. A clientela do Coisa D’Negro em sua maioria busca o espaço como um refúgio para lidar com a insatisfação de sua imagem, entretanto, isso não quer dizer que o simples fato de usar tranças e/ou cabelo “natural” garante o “assumir-se” negro ou negra. Nesse sentido, o uso do cabelo natural ou trançado só será um ato político e legítimo se o indivíduo manifestar a vontade de tomar posicionamento político de resistência por meio de tal performance (PAULA, 2010).

Os penteados permitem a abertura à reflexão acerca das crenças enraizadas pelo processo sociohistórico de mulheres negras jovens e adultas, possibilitando uma nova visão sobre sua imagem valorada negativamente ou “apagada”

<sup>2</sup> Todos os nomes são fictícios para preservar o anonimato das participantes.

<sup>3</sup> *Terças culturais* são encontros quinzenais que abordam temas atuais sobre negritude para discussão e debates entre os clientes e convidados. Além disto, tem como estratégia os penteados étnicos, o pilar central para a desconstrução das ideias de branqueamento e o fortalecimento da estética negra. Com esses temas, o Espaço propõe a afirmação e reafirmação da beleza, a autoestima, buscando a valorização de seus frequentadores e frequentadoras.

pelos ideais de uma cultura ocidental de branqueamento. Sabe-se que a ausência de modelos positivos na construção das identidades negras engendra questões subjetivas, como o sentimento de invisibilidade social (BERNARDINO, 2002; ZAMORA, 2010).

A proposta desse estudo surgiu pela vivência como trançadeira da autora do artigo no Espaço descrito, o que permitiu à pesquisadora observar frequentes histórias de autoagressão, principalmente ligadas aos cabelos e ao corpo de um modo geral em busca de “melhoria” da imagem ou em busca de “reparação” de danos por tentativas caseiras de alisamento.

Segundo as adolescentes participantes da pesquisa, ao mesmo tempo em que se buscava o Espaço para mudar o visual, também e principalmente como a única alternativa depois de perderem seus cabelos devido às inúmeras químicas de alisamento usadas, essas adolescentes passavam um longo período usando tranças para o cabelo crescer e voltar a alisar, como em um ciclo vicioso. Em alguns casos, a chegada das jovens ao Espaço já trazia no corpo as marcas do processo continuado de alisamento, ou seja, ferimentos e inflamações graves no couro cabeludo.

*“O cabelo da minha prima caiu todo, aí ela veio aqui e colocou, eu vi e achei muito diferente, ficou bonito, aí eu falei, não é inveja não, mas eu vou colocar igual, aí eu vim aqui e coloquei igual ao dela, aí depois eu tirei e comecei a fazer um monte de cagada no meu cabelo, progressiva, escova, aí eu tive que cortar de novo e voltei a fazer a trança.”*

(Adolescente Sofia, 17, participante do grupo focal).

A primeira questão é por que essas adolescentes não deixavam seus cachos e crespos naturais, cedendo ao imperativo do alisamento (“domando o cabelo”), independente do sofrimento que lhes causassem? “Domar o bicho”, “amansar a fera”, “abaixar a raiz”, “cabelo duro ou está preso ou está armado” - frases como essas eram frequentemente usadas para se referir aos cabelos, e outros sinônimos para se referir a traços fenotípicos de afrodescendentes, como por exemplo, o formato do nariz. Tais comentários desvalorizavam as características negras e são ditos de forma naturalizada pelas adolescentes sobre si mesmas.

O segundo questionamento é se existe então uma insatisfação profunda dessas jovens quanto à autoimagem e se os modos de significação de si (desvalorizando-se, negando-se ou apagando-se) usados para referirem

à imagem representariam a manifestação do racismo cordial? E, por fim, esse racismo interfere na autoimagem das adolescentes negras? Essas indagações permearam a proposta dessa pesquisa com o objetivo de verificar os signos da insatisfação em relação à autoimagem de adolescentes negras por interferência do racismo cordial tipicamente brasileiro.

Como desenvolveremos adiante, o racismo cordial é definido como uma forma de discriminação contra cidadãos não brancos, que se caracteriza por uma polidez superficial que reveste atitudes e comportamentos discriminatórios, que se expressam nas relações interpessoais por meio de piadas, ditos populares e brincadeiras de cunho “racial”.

Marcos Lima e Jorge Vala (2004), em *As novas expressões do preconceito e do racismo*, argumentam que essa aparente falta de intenção e sutileza de expressão, o racismo à brasileira, nada tem de cordial, pois implica num cenário sinistro de discriminação e exclusão das pessoas negras. As expressões de racismo, mais veladas e hipócritas, são tão mais danosas e nefastas do que as expressões mais abertas e flagrantes, uma vez que, por serem mais difíceis de serem identificadas, são também mais difíceis de serem problematizadas e combatidas.

### 3 METODOLOGIA

De abordagem qualitativa, a pesquisa foi realizada com sete jovens adolescentes negras frequentadoras do Espaço Coisa D’Negro. Foi definida a faixa etária de 12 a 18 anos para a configuração do grupo focal.

O grupo focal é uma técnica de pesquisa qualitativa, derivada das entrevistas grupais Morgan (1997), que coleta informações por meio das interações grupais. Para Kitzinger (2000), o grupo focal é uma forma de entrevistas com grupos, baseada na comunicação e na interação. Seu principal objetivo é reunir informações detalhadas sobre um tópico específico (sugerido por um pesquisador, coordenador ou moderador do grupo) a partir de um grupo de participantes selecionados. Ele busca colher informações que possam proporcionar a compreensão de percepções, crenças, atitudes sobre um tema, produto ou serviços. O grupo focal difere da entrevista individual por basear-se na interação entre as pessoas para obter os dados necessários à pesquisa. Sua formação obedece a critérios previamente determinados pelo pesquisador, de acordo com os objetivos da investigação, cabendo a este a

criação de um ambiente favorável à discussão, que propicie aos participantes manifestar suas percepções e pontos de vista (MINAYO, 2010).

As principais categorias analisadas foram: a autoimagem e o olhar do outro, a insatisfação das adolescentes com a autoimagem por interferência do racismo cordial, as piadas e brincadeiras racistas nas relações interpessoais e o fortalecimento do racismo cordial, a negação da cor como produtos do racismo cordial, referências negras e a falta de fontes de identificações.

A pesquisa foi desenvolvida de acordo com as regulamentações legais do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP).

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta seção aborda os resultados da pesquisa e sua discussão.

### 4.1 A autoimagem e o olhar do outro

O racismo é uma ideologia e, como tal, também foi concebido como uma estratégia de poder em acordo com as expectativas de parte de uma sociedade (SANTOS, 2002). É importante ressaltar que há uma imagem do negro na África forjada pelo olhar europeu que apenas acentua o peso e influência deste imaginário sobre uma ideologia racista, alicerçada na sobreposição de valores estéticos e a definição ontológica de ser negro.

Dessa forma pode-se fazer uma análise entre o racismo cordial e a maneira que ele é incutido na sociedade e na subjetividade dessas adolescentes. Para refletir essa interferência é importante levar em consideração o modo como essas adolescentes se sentem quando olham para si ou como percebem o olhar dos outros sobre elas. A fala seguinte mostra que tal afirmativa é pertinente, pois o que é socialmente eleito como padrão de beleza nos dias atuais é a estética branca, que com o processo histórico foi sendo forjada pelo olhar europeu. Estar fora desse padrão equivale a não ser bonita, a não ser aceita.

*“Eu acho que se fosse você se vendo na visão das pessoas eu escolheria o cabelo liso, mas se fosse pra mim seria o cabelo crespo, o cabelo duro, a gente vai muito na opinião dos outros...”*

(Adolescente Suelen, 15, participante do grupo focal).

Markus e Kitayama (1991 *apud* GOUVEIA; SINGELIS; COELHO, 2002) reconheceram sua correspondência com os construtos individualismo e coletivismo para a definição de autoimagem. A autoimagem pode ser concebida como uma constelação de pensamentos, sentimentos e ações, reunidas nas duas dimensões antes citadas, podendo ser descritas de duas formas: a autoimagem independente e a autoimagem interdependente.

Autoimagem Independente se define unitário e estável, que é separado do contexto social, enfatizando qualidades internas, pensamentos e sentimentos; ser único e expressar a si mesmo são orientações-chave. Uma vez solicitadas a se descreverem, estas pessoas farão afirmativas do tipo: sou inteligente, forte, preguiçoso, esforçado etc. Procurarão evitar mencionar atributos ou características que acentuem o contexto social. E a autoimagem interdependente, que compreende uma dimensão ou postura flexível, enfatiza os feitos públicos, externos, como o status, o papel social ou o posto ocupacional da pessoa. As relações interpessoais são utilizadas como referencial para a construção da autoimagem. Se fosse solicitado que a pessoa com este tipo de autoimagem se descrevesse, ela o faria nos seguintes termos: sou um bom amigo, um filho adorável, alguém que considera os seus. Em geral as pessoas apresentam aspectos de um e de outro na sua definição do eu. Com essa descrição podemos verificar que socialização é um aspecto de suma importância para a construção da autoimagem e que a maneira como se percebe o olhar do outro e as informações que se recebe do ambiente poderão afetar diretamente ou indiretamente a construção da imagem que o indivíduo faz de si mesmo, logo podemos dizer que o olhar do outro em termos analíticos pode ser relevante ao pensar a adolescência como uma fase de transformações e pode de forma efetiva promover a manutenção das idéias conscientes que esse adolescente faz de si.

*"Olhares... Tipos de olhares... Eu já cheguei a chorar."*

(Adolescente Suelen, 15, participante do grupo focal).

A imagem de si é construída por meio das relações com os outros e com o mundo, ou seja, é formada a partir das experiências pessoais. Assim a congruência não sendo alcançada, a pessoa constrói uma imagem de



si ideal, aquilo que ela deseja ser, ou que internalizou que é o “correto” ser, e constrói essa imagem não com suas próprias experiências, mas aproximando-se das experiências de outras pessoas. A autoimagem se constrói diante das experiências que a criança vai vivendo com os outros e com o ambiente, que é o significado que o indivíduo dá de si mesmo, e essas experiências vão sendo processadas e agrupadas mostrando uma realidade subjetiva para a criança, ou seja, mostrando-lhe o que ela é (RUDIO, 2003 *apud* GUIMARÃES, 2010). Considerando essa afirmativa podemos responder a primeira indagação acerca do motivo que não permite que essas adolescentes deixem seus cabelos naturais, verificamos que para essas adolescentes o olhar do outro possui grande influência na percepção da imagem que se tem de si, suas experiências negativas a respeito da desaprovação do outro sobre a sua imagem fortalecem a perspectiva de que é necessário que se modifique sua imagem para ser aceita socialmente.

*“E as pessoas ficavam olhando, pensando que horror, aonde essa garota pensa que vai com esse cabelo...”*

(Adolescente Larissa, 14, participante do grupo focal).

*“Quando eu fiz o cabelo todo mundo ficou me olhando, aí eu falei: aí meu Deus...”*

(Adolescente Lívia, 14, participante do grupo focal).

*“Depende de como a pessoa olha pra gente.”*

(Adolescente Júlia, 16, participante do grupo focal).

*“Mas o mal da gente é que a gente se preocupa muito com o que os outros vão falar. Eu acho que eles pensam: nossa que garota ridícula, quem ela pensa que é!”*

(Adolescente Sofia, 17, participante do grupo focal).

*“Porque eu acho que todo mundo é assim, como é que vão me aceitar, e eu penso assim: se eu não me aceito ninguém vai me aceitar, se eu não me acho bonita, ninguém vai me achar, não adianta minha mãe falar que eu estou linda, se eu não me sentir assim, se eu não me sentir satisfeita.”*

(Adolescente Suelen, 15, participante do grupo focal).

*“Às vezes eles vão assim com preconceito porque acha que tudo mundo vai recusar, mas quando vê que tá todo mundo te aceitando, todo mundo aceitando o jeito que você tá, tá gostando do seu estilo, aí muda a cabeça.”*

(Adolescente Sofia, 17, participante do grupo focal).

*“Eu já deixei de fazer muitas coisas por que os outros falavam.”*

(Adolescente Sara, 16, participante do grupo focal).

*“Outro dia uma menina lá onde que eu moro, estava passando na rua, aí pararam e fizeram questão de ficar rindo, falaram tá horrível, mas eu nunca me liguei na opinião dos outros. Outro dia quando eu tirei as tranças eu fui na padaria, aí o cara que nunca tinha falado comigo puxou assunto e falou bom dia, aí eu respondi, aí ele falou não tem aquele cabelo que você usa, que você estava e tirou, aquilo ali não assusta ninguém, eu nem tive resposta...”*

(Adolescente Larissa, 14, participante do grupo focal).

Percebe-se que apesar da negação descrita na fala da adolescente Suelen, o olhar do outro tem grande influência na percepção da autoimagem, isso corrobora a hipótese da pesquisa ao que se refere à insatisfação da autoimagem por interferência do racismo.

#### **4.2 A insatisfação das adolescentes com a autoimagem por interferência do racismo cordial**

*“No meu caso eu estava com depressão e ela estava tomando conta de mim, e eu pensava: vai chegar um tempo que eu vou me matar, eu me achava diferente das pessoas, até hoje eu tenho um negócio comigo, que eu chego nos lugares e eu acho que as pessoas não me aceitou, aí eu falei não, eu tenho que mudar, porque se eu não mudar eu vou acabar comigo mesmo, eu não saía mais de casa, era muita tristeza, aí eu resolvi colocar rastafári, aí minha mãe não aceitava, mas já vai fazer um ano que eu estou colocando e agora ela gosta também. Por que meu cabelo caiu, eu pintava, alisava, nunca dava certo...”*

(Adolescente Larissa, 14, participante do grupo focal).

Dias (2000) relata a adolescência sendo um período em que se verificam mudanças na vida psíquica, na relação com o próprio corpo; em que se estabelecem novas escolhas e laços. Dessa forma pode-se fazer uma correlação entre o racismo cordial e a maneira que ele é incutido na sociedade e na subjetividade dessas adolescentes. Para refletir sobre essa interferência é importante levar em consideração o modo como essas adolescentes se sentem em relação a si mesmas, quando olham para si ou como percebem o olhar dos outros sobre elas. Segundo Tajfel (1984) a autodefinição do indivíduo só é possível por intermédio de sua pertença a determinados grupos, e essa pertença contribui positivamente ou negativamente para sua autoimagem.

Um desses fatores históricos é a democracia racial, que se mitifica por exaltar a ideia de convivência entre os indivíduos de todas as camadas sociais e grupos étnicos, o que permite às elites dominantes dissimular as

desigualdades, impedindo os membros das comunidades não brancas de terem consciência dos sutis mecanismos de exclusão da qual são vítimas. Encobre os conflitos raciais, já que somos homogêneos enquanto identidade nacional, tirando das classes subalternas a possibilidade da tomada de consciência de suas características culturais que teriam contribuído para a construção da expressão de uma identidade própria (MUNAGA, 2004 *apud* PACHECO, 2011).

O mito da democracia racial<sup>4</sup> e o ideal de “embranquecimento” reforçam, de um lado, uma evidente diminuição da população brasileira negra em relação à população branca. O ideal de embranquecimento pressupunha uma solução para o problema racial brasileiro por meio da gradual eliminação do negro, que seria assimilado pela população branca (BERNARDINO, 2002).

O ideal de branqueamento é incorporado pela população e se apresenta pela desvalorização da estética negra e, em contrapartida, uma valorização da estética branca. (NOGUEIRA, 1985 *apud* BERNARDINO, 2002). Assim, com o mito da democracia racial e o ideal de branqueamento, em que todos os brasileiros seriam mestiços e levando em consideração o contínuo de cor que hierarquizava os grupos, desenvolveu-se no Brasil o chamado “racismo cordial” (PACHECO, 2011).

A questão da suposta democracia racial no Brasil revela por pesquisas que o racismo brasileiro é tão presente quanto negado. Em pesquisa realizada no país, quase 90% dos entrevistados se consideram não racistas, mas ao mesmo tempo igual percentagem de brasileiros acredita que existe racismo no Brasil (TURRA; VENTURI, 1995), o que revela uma discrepância na percepção da manifestação do racismo. Turra e Venturi (1995), estudando as relações inter-raciais, analisam um tipo de racismo tipicamente brasileiro, o “racismo cordial”.

No lugar do racismo declarado desenvolve-se no Brasil uma forma de discriminação contra os não brancos, que se caracteriza por uma polidez superficial que camufla atitudes e comportamentos discriminatórios, expressando-se ao nível das relações interpessoais por atitudes informais, que se manifesta nas relações privadas e se camufla em suposta tolerância pública. A miscigenação integrou de forma supostamente harmoniosa a sociedade brasileira, e pôs fim na persistência da heterogeneidade racial, já que a mestiçagem nos torna iguais, supostamente anulando o preconceito racial, desembocando no alívio da “democracia racial”.

<sup>4</sup> Segundo Bernardino (2002), o mito da democracia racial ganhou sua elaboração acadêmica com Gilberto Freyre em seu livro *Casa Grande & Senzala* (1933), uma obra que viria a moldar a imagem do Brasil.

O racismo cordial, por sua vez, substituiu o racismo científico, pelas justificativas que buscavam provar a inferioridade biológica do negro terem fracassado. É, portanto, uma forma branda, sem ódios, segregação ou violência constante e explícita, sendo mais idiossincrático que institucional ou estrutural, ainda que implique em desigualdade, exploração ou sujeição.

Conduzindo do “mito da democracia racial” ao “mito do racismo cordial”, nas relações raciais no Brasil se divulga que o racismo é no mínimo antiético, e portanto vergonhoso expressá-lo, com isso oficialmente ninguém é racista, mas na prática todos reconhecem que existe racismo no Brasil (PACHECO, 2011). Deste modo podemos verificar que o processo histórico muito tem a ver com o padrão estético valorizado nos dias atuais e que isso corrobora que o racismo cordial interfere de alguma forma na construção da imagem de si e da percepção sobre a própria identidade, a própria beleza.

*“Igual outro dia eu ia passando na rua aí minha vizinha falou: você não vai pro céu com esse cabelo, os anjos não vão te aceitar assim, porque não é desse jeito que eles são. Aí eu respondi né, duvido, chego lá no céu de rastafári e eles que vão ter que usar.”*

(Adolescente Sara, 16, participante do grupo focal).

Existe um peso sobre a estética negra que foi forjada pelo olhar europeu, que tem influência no imaginário popular. Signos do “ser branco” como remetido ao ser bom, bonito, justo contrapõem-se aos signos do “ser negro”, representando o feio, o mau, o pecaminoso (SANTOS, 2002). Essa forma de autoavaliação foi percebida nas falas das adolescentes em grupo focal, especialmente em relação ao uso ou não de tranças e ao alisamento ou não dos cabelos.

*“Sem trança eu me sinto horrível, eu não saio nem na rua, tem muita coisa em mim que eu não gosto, meu nariz eu acho muito grande, meu corpo até que está bom, mas meu nariz...”*

(Adolescente Larissa, 14, participante do grupo focal).

*“Sempre me senti mal por isso, não dá nem para se defender. Eles riem, eu falo que quando eu crescer eu vou operar o meu nariz.”*

(Adolescente Talita, 14, participante do grupo focal).

*“É, a gente não gosta de raiz alta, então a gente vai sempre passar uma coisinha para ficar direitinha.”*

(Adolescente Sara, 16, participante do grupo focal).

*“Mas esse negócio de raiz alta é para eu mesmo me sentir bem, não é pelo que os outros falam.”*

(Adolescente Suelen, 15, participante do grupo focal).

*“Se pudesse escolher eu escolheria um cabelo liso né, gente, poxa não dá trabalho com nada, só prender e pronto.”*

(Adolescente Larissa, 14, participante do grupo focal).

*“Eu escolheria black.”*

(Adolescente Sara, 16, participante do grupo focal).

*“Mas o alisante é pra gente ficar bonita, a gente não vai sair na rua com o cabelo duro, né.”*

(Adolescente Larissa, 14, participante do grupo focal).

A fala de Larissa, de 14 anos, “o alisante é para a gente ficar bonita” rememora e atualiza uma série de mecanismos do racismo como operador social, internalizado pelas adolescentes negras que ora se recusam em relação à própria negritude, ao próprio corpo, ora precisam justificar o porquê do uso das tranças, por exemplo, na força do argumento contrário ao alisamento – aquele que as embeleza, “uma coisinha para ficar direitinho” (Sara).

### **4.3 As piadas e brincadeiras racistas nas relações interpessoais e o fortalecimento do racismo cordial**

Segundo Dahia (2008), em torno da piada racista, o riso instaura certa sociabilidade que tem como fundamento a desqualificação do objeto risível, tornar alguém ou algo risível é destituí-lo de poder, é enfraquecê-lo; assim o riso racista se tornou o substituto simbólico da renúncia da agressão e da violência aberta, utilizado para destruir a imagem do negro e sua importância social.

No Brasil, o riso pode ser apontado como uma via frequente e significativa de expressão e consolidação do racismo, uma das muitas facetas do racismo, que se manifesta como reverberação do relato da piada racista em espaços sociais de lazer, nos quais os grupos liberam e partilham seu preconceito sobre os negros dentro de uma cultura que não assume posições claras na questão racial.

O riso, suscitado pela piada racista, é capaz de contribuir para o encobrimento e a consolidação do racismo aqui vigente. O riso derivado da piada racista é portador de uma ambiguidade que, dificultando uma definição precisa de sua natureza, permite a ele transitar entre distintas realidades. Por meio do riso, o brasileiro encontra uma via intermediária para extravasar seu racismo latente, e em

torno da piada racista, o riso instaura certa sociabilidade que tem como fundamento a desqualificação do objeto risível e o prazer catártico resultante da sua inscrição nesse lugar (DAHIA, 2008).

Os grupos sociais, quando riem de determinada piada, demonstram que estão de acordo com suas mensagens, que elas encontram eco na sociedade (FONSECA, 1994 *apud* DAHIA, 2008). Tornar alguém ou algo risível é destituí-lo de poder, é enfraquecê-lo, é infantilizá-lo (DAHIA, 2008). O riso racista se tornou o substituto simbólico da renúncia da agressão e da violência aberta, utilizado para destruir o negro de importância social. Portanto, a satisfação que ele proporciona reside na inscrição do tema na ordem da brincadeira, distante das questões sérias.

*“T.: Alguém alguma vez já fez alguma piada em relação à imagem de vocês por serem negras?”*

*Grupo: Sim*

*Sofia: Normal.*

*Júlia: Fizeram muitas, eu nem lembro.*

*Suelen: Eu acho que todo dia tem sempre uma piadinha assim.*

*Sara: Mas tem piada que machuca.*

*Lívia: Na minha sala também, mas eu levo tudo na brincadeira.”*

(Adolescentes participantes do grupo focal).

Assim, conforme a fala da adolescente verifica-se um pacto social acerca da piada racista, um consenso em levar na ‘esportiva’.

*“Eu, na minha escola, as minhas amigas mesmo começavam a zoar, aí eu pedia à professora, ia no banheiro e começava a chorar, Senhor, por que isso, por que elas têm cabelo grande e eu tenho cabelo pequeno? Sempre tem uma zoação, e eu levava na brincadeira, quando chegou ao meu limite eu falei com elas: chega!”*

(Adolescente Suelen, 15, participante do grupo focal).

*“T.: Há quanto tempo vocês passaram por isso?”*

*Grupo: Sempre.*

*Sara: A primeira vez que eu sofri racismo foi na 2ª série da escola, e até hoje eu lembro, marcou... O irmão de uma colega minha falou: não fala com ela porque ela é macaca.”*

(Adolescentes participantes do grupo focal).

Como se trata de algo que não costuma ser levado a sério, a piada racista não é alvo de uma ação legal. Sua inscrição não está clara nem mesmo para quem faz uso dela, o que produz a falsa e confusa impressão de que o objeto do

riso não tem nenhuma relação com o prazer que ele produz, ou seja, o fato de rir de uma piada racista não define o indivíduo como racista (DAHIA, 2008).

#### 4.4 A negação da cor como produtos do racismo cordial

A autodefinição do indivíduo só é possível por intermédio de sua pertença a determinados grupos, e essa pertença contribui positivamente ou negativamente para a sua autoimagem. Assim, não existe o indivíduo isolado de suas identificações e pertenças sociais, mas sim o indivíduo que constrói uma parcela de seu autoconceito a partir do conhecimento adquirido por meio da sua pertença a um grupo ou mais grupos sociais, juntamente com o significado emocional e de valor associado àquela pertença, formando sua identidade social (TAJFEL, 1983 *apud* PACHECO, 2011). Um dos primeiros grupos sociais no qual o indivíduo é inserido é o círculo familiar ou figuras parentais, responsável pelos valores transmitidos entre seus membros. Na fala a seguir, a mãe negra diz à filha o que se deve fazer para não ficar mais “negra”:

*“Assim, minha mãe é de Salvador e minha avó trouxe ela pra cá, e minha avó era negra do cabelo ruim e ela não suportava meu pai, minha mãe é bran... Não... É negra (corrigindo a fala), mas meu pai é, e quando eu era pequena ela falava: olha, não toma café porque se não você vai ficar igual ao seu pai, eu tinha pavor, se sentasse uma menina da cor do meu lado eu chorava, gritava, pedi pra ir para o colo da minha mãe, quando eu era pequena eu era muito racista, demais, aí minha avó começou a aceitar meu pai, e eu tenho outra avó negra que começou a falar, não tem nada a ver, você é mulata, você é aquilo...”*

(Adolescente Suelen, 15, participante do grupo focal).

A autoimagem é construída por meio das relações com os outros e com o mundo, ou seja, a partir das experiências pessoais, logo experiências que remetem aspectos negativos dessa imagem causam uma incongruência ao que se refere à imagem de si, logo a pessoa constrói uma imagem de si ideal, aquilo que ela deseja ser, se afastando daquilo que repudia. A adolescente, por exemplo, não reconhece a mãe como sendo negra, e a maneira que a avó usou para minimizar o sofrimento da neta foi usar a palavra “mulata” para se referir à cor da neta, reforçando a desqualificação de ser negra. O mulato cristaliza a imagem da mediação entre preto e o branco, não reservando a

este sujeito o elemento puro dos dois, ele representa uma atribuição positiva do mestiço.

*“Mas eu não podia tomar café, coca-cola, pra mim eu ia ficar preta, mas até hoje, no grupo de amigo quando a gente conversa eles falam que eu sou racista, mas eu não sou racista, mas eu acho que eu não conseguiria namorar ou ficar com alguém bem negro mesmo...”*

(Adolescente Suelen, 15, participante do grupo focal).

Em sua revisão bibliográfica Guimarães (2010) descreve que é essencial que o indivíduo tenha liberdade experiencial (revela-se uma condicionalidade nas relações que criam “condições de valor” para as pessoas, muitas vezes essas condições de valor são determinadas pelas pessoas-critérios, que são aquelas de quem o sujeito gostaria de ter uma plena aceitação) para a eficácia da noção do eu, sem essa liberdade a autoimagem será baseada em experiências não autênticas, ou seja, experiências que foram impedidas, pela falsa imagem do eu, de serem simbolizadas corretamente na consciência. Essas experiências, que também são chamadas de percepção, são a maneira como a pessoa traduz subjetivamente elementos da realidade dando a estes significados pessoais.

O sujeito se comporta, é guiado, de acordo com esse mundo subjetivo próprio composto de suas percepções. Logo, a pessoa não é livre psicologicamente no momento em que se vê forçada a recusar ou alterar as suas experiências com a finalidade de conservar a estima daquelas pessoas que lhe são importantes ou a sua autoestima, chamadas pessoa-critério. Pessoas-critério são aquelas de quem o sujeito gostaria de ter uma aceitação. Ao longo da vida os sujeitos elegem várias pessoas-critério que exercem grande influência sobre eles. Elas podem ser familiares, amigos ou até mesmo ídolos.

*“Eu acho que primeiro você tem que ouvir a opinião de dentro de casa, tudo começa em casa, tipo se você tem uma segurança em casa, na rua podem falar o que quiser que não vai te atingir.”*

(Adolescente Lívia, 14, participante do grupo focal).

Determinadas mensagens punitivas e julgadoras das pessoas que são positivamente consideradas geram sentimentos conflituosos, esses sentimentos ou atitudes são ameaças à autoimagem, aquela construída a partir dessas relações com as pessoas-critério. Essas experiências,



para que sejam formuladoras de uma imagem de si real, precisam não ser bloqueadas, assim, são necessárias aceitação incondicional e compreensão empática no ambiente em que ela vive para que possa vivenciar suas experiências como realmente acontecem.

*“Eu não sei... Pra mim não é racismo, outras pessoas falam que é racismo, mas eu falo com a minha mãe que eu fico triste com isso, eu não entendo porque, eu falo que eu não sou racista porque meu pai é negro, eu sou negra, toda minha família é negra, eu tenho amigos negros...”*

(Adolescente Suelen, 15, participante do grupo focal).

*“Então não é racismo, você só não se identifica, você não se vê, você não se imagina.”*

(Adolescente Lúvia, 14, participante do grupo focal).

O crescimento pessoal é contínuo, está sempre em movimento e, às vezes, é obstruído pelas imagens negativas, incongruentes ou falsas de si próprio, derivadas de condições culturais inibidoras (EVANS, 1979 *apud* GUIMARÃES, 2010).

*“Eu quando era pequena se eu sentasse e um moço sentasse do meu lado, eu já começava a chorar, por que eu pensava que aquilo ia passar pra mim, que aquela cor ia passar pra mim, porque era sempre mais negro, eu só abraçava o meu avô, o meu pai, e meus tios, outras pessoas nem adianta, se me abraçasse eu começava a chorar, me solta, me solta, isso até uns 6 anos de idade, mas aí meu avô pegava o braço dele e esfregava no meu braço, vê se ficou?, aí eu falava não, aí vinha um colega do meu avô eu já ficava com medo, aí meu avô esfregava o meu braço no braço do colega dele e aí, ficou? Eu falava não, aí, sabe, começou a desenvolver, agora eu não tenho mais isso.”*

(Adolescente Suelen, 15, participante do grupo focal).

O ser humano constitui-se por meio da relação com o outro, equivale à construção da autoimagem, que é o conjunto de percepções do sujeito para consigo e para com o mundo, a qualidade dessa interação reflete a construção de uma autoimagem real ou falsa. Nutrindo a necessidade de aceitação e de confirmação como pessoa pelo seu grupo de pertencimento, a pessoa pode se negar profundamente e ter dificuldade de detectar quem realmente é.

#### 4.5 Referências negras e a falta de fontes de identificações

No Brasil a cultura, com toda amplitude que esse termo carrega (nos costumes, na culinária, no vestuário,

na linguagem, no estilo de vida), é predominantemente influenciada pela presença africana e posteriormente recriada pelos afro-brasileiros, mas, não é reconhecida oficialmente como tal, a não ser que esses elementos culturais, como a feijoada, a capoeira, o samba, se diluam na chamada cultura nacional. Essa falta de reconhecimento público da importância da presença negra no Brasil dificulta a formação de uma identidade positiva e um orgulho por parte dos negros, que só têm contato direto com os estereótipos negativos construídos durante a escravidão para justificá-la sem culpa, e que foram reforçados após a abolição, para que a estrutura social brasileira não sofresse maiores mudanças com a libertação dos escravos (PACHECO, 2011).

*“Mas igual ela (Suelen) que não consegue se relacionar com preto, se ela chegar num lugar onde só tem gente negra rapidinho ela vai se adaptar, igual por exemplo um baile charme, todo mundo é assim, todos usam rasta, black, todo mundo é igual à gente.”*

(Adolescente Larissa, 14, participante do grupo focal).

Esta fala evidencia uma necessidade de algo para se identificar, não ser exótico e sim ser igual a todos os negros que assim se definem, pois na formação da identidade social o indivíduo constrói uma parcela de seu autoconceito a partir do conhecimento adquirido por meio da sua pertença a um grupo ou mais grupos sociais, juntamente com o significado emocional e o valor associado àquela pertença (TAJFEL, 1983).

*“Talita: Eu me acho bonita, porque os meus parentes são todos negros.*

*Sara: Eu fui no baile charme com meu primo, aí tinha várias meninas lá usando, eu falei tenho que colocar de novo, aí eu coloquei a trança e também não quero mais outra vida.*

*Júlia: Já fiz assim, chegar numa festa e vê se tem alguém negro igual a mim, eu já fui muito assim, agora não.*

*Sara: Porque que o negro tem que pedir esmolas e o branco tem que ser patrão.*

*Júlia: Só porque é preto.*

*Suelen.: Eu acho uma ofensa.*

*T.: Qual seria esse padrão?*

*Júlia: Nariz perfeito, boca perfeita, cabelo perfeito...*

*Sara: Magrinha, branquinha, do cabelo liso, e do olho claro.*

*Júlia: Nem precisa ser magra...*

*Larissa.: Nariz bonitinho...*

*T.: O que é um nariz bonitinho?*

*Sara: Ué igual o da minha mãe, assim, fininho, o*

*povo fala minha mãe é preta com nariz de branco!  
(risos)*

*Suelen.: Orelha não pode ser grande...*

*Lúvia.: Nem o olho pode ser grande, tem que ser estável. (risos)*

*T.: E o cabelo?*

*G.: Liso (gargalhadas)*

*Sofia: Cacheado com a raiz baixa também.*

*T.: Deixa eu ver se eu entendi... Pra ser bonita tem que ter tudo isso que vocês falaram?*

*G.: É (risos)*

*Larissa.: Tem que ser igual a Bruna Marquezine, ela é linda gente! Ela não tem um defeito.*

*T.: Vocês acham que tem alguém na mídia que represente os negros nesse sentido?*

*Lúvia: Taís Araujo.*

*Sara: Sheron Menezes"*

(Adolescentes participantes do grupo focal).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se o racismo não é expresso publicamente, torna-se difícil combatê-lo e a aproximação real das pessoas se torna inviável, já que essa aproximação necessita ser testada antes; e quanto mais o domínio público for visto como oportunidade de revelação interpessoal, compartilhada, a aproximação será desviada do uso de sua fraternidade para a transformação das condições sociais. Isto é, quanto mais as pessoas se comunicarem para lamentarem as desigualdades e o racismo premente no Brasil, mais estarão articuladas em prol de uma mudança (PACHECO, 2011).

Tudo isso indica que estamos diante de um tipo particular de racismo, um racismo silencioso e sem cara que se esconde por trás de uma suposta garantia de universalidade e da igualdade das leis, e que lança para o terreno do privado o jogo da discriminação, pois o que é da ordem do privado não se regula pela lei nem se manifesta publicamente (PACHECO, 2011).

O fato de os estereótipos negativos estarem diretamente associados à cor e à raça negra fez também com que os brasileiros mestiços e grande parte da população com ascendência africana não se classificassem como negros, gerando um grande número de denominações para designar as cores dos não brancos, como por exemplo: moreno, pessoa de cor, marrom, escurinho etc. Desta maneira, essa forma de classificação eliminou a identificação dos mestiços com a negritude e fez com que estes não se classificassem como negros, bem como ajudou que permanecessem intactas todas as estereotípias e representações negativas dos negros (SCHUCMAN, 2010).

No caso do racismo, este só se torna prioridade de combate se as pessoas o encararem como uma afronta pessoal. Isso só é possível se as vítimas desse ato se identificam como foco deste, se elas se consideram negras e não só, se considerarem o racismo uma forma preconcebida e injusta de tratar as diferenças históricas e perversamente construída. No contexto brasileiro, essa conscientização é dificultada pela massificação da ideia de mestiçagem, de acordo com o qual todos os brasileiros são mestiços, não existindo raça e, conseqüentemente, racismo. Tal alienação pública é reforçada no silêncio privado, em que tanto as famílias brancas como as negras evitam falar e discutir sobre esse tema, como se reclamar ou apenas mencioná-lo fosse um assumir-se negro ou assumir-se racista, ambos tabus no Brasil da democracia, da mestiçagem e do branqueamento possível (PACHECO, 2011). O não-dito serve como recurso de “invisibilização” do preconceito, produzindo uma falsa imagem de harmonia nas relações sociais. Essa imagem apenas ajuda na manutenção do preconceito racial, ao mesmo tempo em que enfraquece o seu combate direto (DAHIA, 2008).

As políticas de ação afirmativa buscam, por meio de um tratamento temporariamente diferenciado, promover a equidade entre os grupos que compõem a sociedade (BERNARDINO, 2002). Mas como se aplica essa afirmação ao se tratar da interferência do racismo na autoimagem que gera conflitos psíquicos, dentre eles a diminuição da autoestima? O presente artigo buscou refletir e promover o debate a partir da pesquisa realizada com adolescentes negras no Rio de Janeiro.

## REFERÊNCIAS

BERNARDINO, J. Ação afirmativa e a rediscussão do mito da democracia racial no Brasil. **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 247-273, 2002.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da criança e do adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L8069.htm)>. Acesso em: 02 jul. 2015.

DAHIA, S. L. M., Mediação do riso na expressão e consolidação racismo no Brasil. **Sociedade e Estado**, Brasília, DF, v. 23, n. 3, p. 697-720, 2008.

DIAS, S. A inquietante estranheza do corpo e o diagnóstico na adolescência. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 119-135, 2000.

GOUVEIA, V.; SINGELIS, T. M.; COELHO, J. Escala de autoimagem: comprovação da sua estrutura fatorial. **Avaliação Psicológica**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 49-59, 2002.

GUIMARÃES, S. F. A modificação da autoimagem: da pessoa-critério à psicoterapia. **Psicologia.pt [Online]**, Porto, 2010. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0297.pdf>>. Acesso em: 02 jul. 2015.

KITZINGER, J. Focus groups with users and providers of health care. In: POPE, C.; MAYS, N. (Org.). **Qualitative research in health care**. 2nd ed. London: BMJ Books, 2000. p. 23-41.

LIMA, M. E. O.; VALA, J. As novas expressões do preconceito e do racismo. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 9, n. 3, p. 401-411, 2004.

MINAYO, M. C. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MORGAN, D. L. **Focus group as qualitative research**. London: Sage, 1997.

PACHECO, L. C. Racismo cordial: manifestação da discriminação racial à brasileira: o domínio público e o privado. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 137-144, 2011.

PAULA, R. C. **Não quero ser branca não, só quero um cabelo bom, cabelo bonito**: performances de corpos/cabelos de adolescentes negras em práticas informais

de letramento. 2010. 313 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade estadual de Campinas, Campinas, 2010.

SANTOS, G. A. Selvagens, exóticos, demoníacos: ideias e imagens sobre uma gente de cor preta. **Estudos Afro-asiáticos**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 275-289, 2002.

SCHUCMAN, L. V. Racismo e antirracismo: a categoria raça em questão. **Revista de Psicologia Política**, São Paulo, v. 10, n. 19, p. 41-55, 2010.

TAJFEL, H. **Grupos humanos e categorias sociais**: estudos em psicologia social. Lisboa: Livros Horizonte, 1984. v. 2.

TURRA, C.; VENTURI, G. **Racismo cordial**: a mais completa análise sobre preconceito de cor no Brasil. São Paulo: Ática, 1995.

ZAMORA, M. H. Desigualdade racial, racismo e seus efeitos. **Fractal**: Revista de Psicologia, Niterói, v. 24, n. 3, p. 563-578, 2012.

Recebido em: 1 dez. 2014.

Aprovado em: 20 dez. 2014.